

Os desafios e perspectivas na formação do professor da educação infantil e ensino fundamental: *semelhanças e diferenças entre as duas etapas da educação básica.*

CAVALCANTE, Danielly Patricia de Sales (UEPB)¹

VITURIANO, Nicielma Farias da Silva (UEPB)²

Resumo:

O presente artigo aborda as semelhanças e diferenças do/a professor/a da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I, relacionado à sua formação com a sua prática pedagógica no ambiente escolar e as exigências e desafios inerentes à prática pedagógica nessas duas primeiras etapas da educação básica. A partir desses aspectos busca-se refletir até que ponto a formação inicial vivenciada na universidade e a formação continuada são suficientes para que o professor desempenhe seu papel no contexto atual, numa sociedade tão diversificada.

PALAVRAS-CHAVES - Formação de professores, Educação infantil, Ensino Fundamental I.

Introdução

A necessidade de uma formação de professores já vem sendo vislumbrada desde os primórdios da educação institucionalizada, com Comenius que, com uma voz quase solitária em seu tempo, defendia a escola como o "locus" fundamental da educação do homem, sintetizando seus ideais educativos na máxima: "Ensinar tudo a todos". A partir do século XIX, com o processo de industrialização e urbanização da sociedade, a escola passa a ser vista como instituição fundamental para a organização social, o que contribui para o processo de democratização da educação e a conseqüente expansão da escola. Tais perspectivas apontam para a necessidade de um processo de formação continuada do professor, como condição fundamental para a efetivação de uma educação de qualidade.

Essa nova realidade exigiu uma posição institucional do governo com relação à preparação dos professores para instruir a população, então foram criadas as Escolas

¹ Graduanda em Pedagogia UEPB

² Graduanda em Pedagogia UEPB

Normais, responsáveis pela a formação de professores do então ensino primário. No Brasil as Escolas Normais se expandiram entre 1890 – 1932, período em que foram implantadas as “escolas modelos” anexas às Escolas Normais, seguindo o parâmetro das escolas graduadas dos países desenvolvidos da Europa e dos EUA. Tais escolas foram estruturadas a partir de uma racionalidade pedagógica, ou seja, com características de classificação por conhecimento, formação de classes, conteúdo programado em um tempo determinado e currículo, em conformidade com o calendário proposto.

Portanto a situação do âmbito educacional atual nos faz refletir, dialogar sobre políticas educacionais para formação de professores da educação infantil e do ensino fundamental, como os cursos de licenciatura estão formando tais professores, visto que, apesar da educação infantil e ensino fundamental fazerem parte da educação básica, e uma, ser extremamente importante para o desenvolvimento da outra, tem suas especificidades e público diferenciado. É preciso que no processo de formação dos professores que atuarão nessas duas etapas da educação básica, essas especificidades sejam bem trabalhadas.

Quando falamos de público diferenciado é porque ainda nos dias atuais a educação infantil sofre com o preconceito de pessoas leigas no assunto, que acham que a vida escolar da criança só começa de fato quando a mesma está chega aos 07 anos de idade. No geral, desconhece que a lei assegura que a criança tem direito de participar de processos de escolarização a partir de 0 até 05 anos, período que corresponde as duas etapas da educação infantil (creche e pré-escola), passando para o fundamental onde irá aprofundar seus conhecimentos adquiridos em sua trajetória passado pelos anos iniciais.

Ainda hoje escutamos histórias de pessoas que não tem formação alguma (que dirá superior), e estão trabalhando em creches e escolas de educação infantil, pois, é muito comum o entendimento de que educação infantil vincula-se tão somente ao cuidado, e para isto, não há necessidade de conhecimento por parte de quem vai atuar nessa etapa importante do ensino. Entendemos que a atuação na educação infantil exige que os professores tenham uma sólida formação inicial, bem como uma formação continuada, assegurando a estes, aprofundamento teórico e instrumentalização didática necessária a sua ação pedagógica.

Entendemos ainda que essa formação deve está relacionada ao saber, ao saber fazer e ao saber explicar e planejar o fazer pedagógico. Assim, o “cuidado” vai muito além de um “vigiar” as brincadeiras onde a maior preocupação é não deixar que as crianças se machuquem, vai muita além do espalhar brinquedos e ficar só observando as crianças brincarem, de um mero banho de sol, ou no banheiro para fiquem limpinhos,

vai além do alimentar e colocar as crianças para dormir. Poderíamos enumerar diversas formas que sintetizam o papel do professor da educação infantil, de acordo com o senso comum. Entretanto, é preciso ter claro que toda e qualquer ação na educação infantil, por mais simples que seja, deve ter um objetivo pedagógico claro, pois é na educação infantil que se encontra um leque diversificado de maneiras e descobertas de transformar simples ações em grandes aprendizados em que as crianças ampliaram no ensino fundamental e levaram por toda vida, porque conhecimento adquirido jamais será esquecido.

Faremos uma breve discussão sobre como vem sendo a formação dos professores pra educação infantil e ensino fundamental, se é válido que essa formação busque conhecimentos diferenciados, como é o tipo de profissional que trabalhará com essas duas etapas da educação básica e se a afinidade conta nesse processo de formação.

A Educação Infantil e a formação docente

A educação infantil é a primeira etapa da educação básica, é onde se dá o início do processo educativo da criança. Trabalhar com crianças exige competência técnica e criatividade do professor, mas também, que ele se identifique e que goste de trabalhar com criança, uma tarefa que não é tão simples de realizar, exige professores qualificados e bem remunerados, valorizados.

É na universidade que aprendemos os conteúdos que compõem o currículo tanto formal, quanto o oculto do curso que ingressamos. As indagações sobre o currículo presentes nas escolas e na teoria pedagógica mostram que o currículo formal está relacionado aos conteúdos que são obrigatórios a serem ministrados na escola e o oculto são as práticas e os aprendizados que desenvolvemos na convivência do dia-dia no cotidiano escolar. Os conhecimentos adquiridos durante o processo de formação vivenciado na graduação contribuem para que no cotidiano da sala de aula, não nos peguemos com o discurso vazio de que o que se aprende na universidade não se coloca em prática.

Esse discurso é reproduzido através daquela famosa “frase de efeito” de que na prática é bem diferente. Entendemos que esse é um discurso infundado, reproduzido por pessoas que vinculam a ação docente na educação infantil a um puro patetismo uma ação maternal, familiar que, formação teórica pode ser secundarizada. O “instinto maternal” era um critério muito utilizado no século passado para definir o perfil do

professor da educação infantil, entretanto, no contexto atual esse paradigma não dá conta da complexidade do ato de educar e formar crianças. A educação infantil é um processo muito importante no desenvolvimento da criança, é nessa fase da vida que a criança vai adquirir base pra dar continuidade a longo processo de formação, porém ainda hoje escutamos que é uma fase apenas do cuidado, mas será que é só cuidado? A educação infantil de fato exige o cuidado e a assistência, mas é um cuidado e uma assistência embasada de conhecimento científico que proporcione o desenvolvimento integral da criança.

No século passado, especialmente, dos anos 30 aos 70 observava-se que as instituições tinham um aspecto assistencialista, como afirma Loureiro (2010, p. 20):

Por questões práticas, são destacadas a seguir três tendências que marcaram as políticas públicas de educação voltada à criança de 0-6anos: a primeira, de 30 a 70, que se caracteriza por sua frágil ofensiva na formulação de políticas públicas de educação infantil e pelo forte aparato burocrático de caráter assistencialista. Data desta época, a criação de creches e pré-escolas vinculadas a instituições privadas, filantrópicas e organizações internacionais. A segunda tendência, na década de 70, sob forte influência do programa de educação compensatória se caracteriza pela expansão das creches e pré-escolas, regulamentada pela Lei n. 5.692/71. E finalmente, a última tendência, que se inicia na década de 80 e permanece até os dias atuais.

Nesse cenário são criadas leis e programas para a melhoria das instituições que visam à instrução das crianças de 0 a 6 anos. Tendo como reconhecimento a criança como um ser de direito e deveres e não tratá-las como um objeto de tutela, mas um ser que pensa e tem vida própria.

Na trajetória histórica da Educação Infantil aconteceram avanços significativos, principalmente no que se refere à concepção que orienta essa prática e a ampliação do acesso a essa etapa da educação. A década de 1980 e 1990 foi de grande importância. A Constituição Federal de 1988 define a educação infantil como garantia para crianças até 05 anos de idade em creches e pré-escolas, direito esse reafirmado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1991, pela LDB, pelo Plano Nacional de Educação, pelo Referencial Curricular de Educação Infantil (RCNEI) e Referencial para Formação de Professores.

Entretanto, ainda são muitos os desafios e problemas que dificultam a democratização e universalização da mesma. Cerisara *apud* Loureiro (2010 p.33) refere-se especificadamente ao fato da LDB ser omissa no que diz respeito à questão financeira para a Educação Infantil e a Lei 9.424/96 que criou um Fundo de Manutenção e

Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério que não definiu orçamento que garantisse verbas para educação infantil.

Assim, percebe-se que no Brasil, falta muito para se alcançar a universalização, democratização e efetivação de uma educação de qualidade para essa faixa etária. Um dos desafios relaciona-se especificamente a formação do professor. Pois, como afirma Kishimoto (2009, p. 46):

A criança de 0 a 6 anos é um sujeito não-fragmentável que requer uma educação global, que reflita a sua formação integrada de aprender e desenvolver o afetivo, o motor, o social e o cognitivo, em que o eixo fundamental de estruturação das sucessivas experiências do EU, em uma relação , bipolar de ida e volta, de influenciar e de ser influenciado. Assim o papel do professor se amplia, o que exige repensar suas fronteiras.

Concordamos com afirmação da autora, haja vista, a responsabilidade do profissional que atuará na educação infantil. Por isso, a ênfase dada à formação inicial, entendendo que está tem como função proporcionar uma sólida formação teórico-prática para o professor/a, favorecendo ao mesmo o exercício de uma prática reflexiva e crítica de modo a orientar a sua ação pedagógica.

O Ensino Fundamental e a formação docente

A segunda etapa da Educação Básica é denominada de Ensino Fundamental. É nessa fase em que os conhecimentos adquiridos na Educação Infantil são aprimorados e ampliados de forma que o aluno já comece a entender o seu papel na sociedade.

Exige-se do professor do Ensino Fundamental I o domínio dos conteúdos dos componentes curriculares básicos das áreas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências da natureza e da sociedade e demais conhecimentos fundamentais a formação das crianças, adolescentes e jovens. Ou seja, é o chamado professor polivalente. O que percebemos na prática é que a formação inicial ofertada no curso de pedagogia não dá conta dos desafios que os professores se deparam diariamente no cotidiano escolar, o que torna a formação continuada uma exigência constante. A tarefa de ensinar não é simples porque o/a professor/a, além de conhecer os conteúdos didáticos, precisa entender como os/as alunos/as desenvolvem suas habilidades no dia-dia da sala de aula. O/a professor/a deve conhecer a realidade de seus alunos para que seu trabalho gere uma aprendizagem significativa, pois está trabalhando com múltiplas linguagens e múltiplas culturas.

A formação do professor não pode ser imaginada como uma simples e direta aplicação à situação de ensino de um saber teórico. Não se trata de substituir uma orientação psicológica por outra, nem de ampliar os estudos de ciências, o profissional que atuará no ensino fundamental trabalhará com um público diferente da educação infantil, seja na faixa etária, em culturas diferenciadas e comportamentos distintos. Então, quando nos referimos a polivalência do professor do ensino fundamental estamos relacionando a uma gama de atribuições que esse profissional tem que está preparado para trabalhar e desenvolver um papel determinante na vida do educando. Como afirma José Mário (2000):

O ponto de vista pedagógico não é uma soma de parcelas de saberes teóricos que, embora necessários, nunca serão suficientes para alicerçar a compreensão da situação escolar e a formação do discernimento do educador. “Nesses termos é claro que não há fórmulas prontas para orientar essa formação, mas o próprio conceito de vida escolar é básico para que se alcance esse discernimento”.

A educação sempre vem sofrendo profundas transformações, antes o pensamento era visto como imutável e a aprendizagem era feita de forma linear. Paulo Freire chamava de “educação bancária” a educação que só favorecia a poucos, em que o professor era o centro do processo e ao aluno restava uma atitude passiva. Compreendemos a aprendizagem como um processo contínuo e inacabado, nessa perspectiva o professor é tido como um mediador no processo ensino-aprendizagem entre o aluno e os conhecimentos socialmente produzidos. O ensino fundamental é um processo de transição, pois, o aluno começará criança e terminará um adolescente e o professor acompanhará as etapas que determinará o que o aluno anseia para o seu futuro. A formação do professor deve dá subsidio necessário para que o mesmo saiba como dominar e transmitir o conteúdo de forma adequada ao aluno.

A escola é o espaço destinado ao saber científico e sistematizado, onde segundo Saviani (2000, p.10), *esse saber não é qualquer um, não diz respeito ao saber de senso comum nem espontâneo. Não queremos desprezar o conhecimento popular, mas enfatizar que no ambiente escolar o saber metódico e sistemático é privilegiado.* Segundo referido autor:

Em grego temos três palavras referidas ao fenômeno conhecimento doxa, sofia e episteme. Doxa significa opinião, isto é, o saber do senso comum, o conhecimento espontâneo ligado diretamente à experiência cotidiana, um claro-escuro, misto de verdade e de erro. Sofia é a sabedoria fundada na longa experiência da vida. É nesse sentido que se diz que os velhos são mais sábios e que os

jovens devem escutar seus conselhos. Finalmente, episteme significa ciência, Isto é, o conhecimento metódico e sistematizado. (Saviani,2000,p.10)

Haja vista, a responsabilidade que a instituição escolar exerce na sociedade. Assim os educadores que nela executam seu fazer pedagógico devem ter uma formação apropriada e não ignorá-la, mas saber fazer a junção da teoria com prática, visando a construção de sociedade mais humana e crítica.

Entendemos que o conhecimento é imprescindível na vida de qualquer ser humano e esse conhecimento consolida-se com a formação acadêmica que na nossa concepção começa quando a criança ingressa nesse ambiente que facilitara tal conhecimento. Porém, a preocupação é como formar cidadãos críticos e reflexivos se a formação do/a professor/a não tiver na sua base essa perspectiva?

A formação teórico-prática aliada à valorização do professor é condição fundamental para o desenvolvimento de uma educação de qualidade e, conseqüentemente, para a formação de crianças e jovens. Contudo, no que se refere à formação inicial do professor da educação infantil e das séries iniciais do ensino fundamental vivenciada no curso de pedagogia ainda deixa muito a desejar. Percebemos e vivenciamos no cotidiano da nossa formação no curso de pedagogia, problemas como a falta de identidade do pedagogo, a fragmentação do currículo traduzida pelos diversos componentes curriculares e conteúdos que nós alunos/as temos que dar conta.

Esses problemas são complexos, acreditamos que nem sempre a voz das alunas e alunos que cursam pedagogia é ouvida ou, nem sempre estes expressam suas angústias e anseios para que haja mudanças significativas nos cursos de pedagogia. Nas palavras de Barboza (2010, p.163) podemos perceber a participação dos professores quando o mesmo diz: “Nesse contexto, surge um desafio: incluir os professores, ação que exige a criação e execução de políticas educacionais com ativa participação dos professores, bem como respeito e dignidade docente”.

A valorização dos docentes precisa ser evidenciada no cotidiano, sem a necessidade de para conseguir um melhor salário seja necessário fazer greves e assim prejudicar os alunos. Com essa situação que já é uma realidade em nosso país, o professor com baixo salário, desvalorizado, acaba tentando complementar a renda desenvolvendo outras atividades que acabam por prejudicar seu tempo para preparar as aulas, procurar cursos de especialização, formação continuada, etc.

Considerações finais:

A formação de professores não é um assunto novo, é um tema recorrente nas pesquisas sobre a educação. Observamos que existe semelhanças e diferenças entre a formação do professor/a da educação infantil e do ensino fundamental, como alunas do curso de pedagogia sentimos uma grande carências em conteúdos que deveriam ser mais explorados e aprofundados. Temos consciência de que educação infantil e ensino fundamental têm semelhanças e diferenças e estas precisam ser trabalhadas no processo de formação do professor para que o mesmo tenha condições de definir onde mais se identifica. Nesse sentido, a formação tem que ter um direcionamento adequado para que o/a professor/a que irá atuar com distintas faixas etárias de crianças e adolescentes, trabalhando com condições adequadas e para isso as políticas públicas tem que ser de fato executadas em favorecimento do profissional que realiza todo esse trabalho perante a sociedade. Sabemos que tudo na vida leva tempo para se consolidar, tornar-se notável. Gadotti (2010) em um artigo que escreveu para a Revista Construir notícias afirmou o seguinte:

O professor competente profissionalmente não pode ficar indiferente, **a realidade do aluno (grifo nosso)**, porque ser comprometido, engajar-se, ser ético faz parte da sua competência como professora. Ele acrescenta que a profissão de professor esta ligada a esperança e ao amor, assim além de ter uma formação sólida propiciada pelas políticas publicas, o professor precisa de amor pelo fazer educação. Trazendo uma esperança que espera acontecer, mas alimentar e da sentido a sua própria profissão, construindo dessa forma uma realidade mais humana, menos feia, menos malvada como dizia Paulo Freire.

Referencias:

BARBOZA, Pedro Lucio. Educação em questão: recortando temas e tecendo idéias. Campina Grande:Latus,2010.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a12.pdf>

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022004000200016&script=sci_arttext

GADOTTI, Moacir. Ser professor, ser educador. IN: Revista Construir Noticias, ano 09, n. 54, set/out/2010.

MELO Gloria M. L.de Souza, BRANDÃO, Soraya M. B.A., MOTA, Marinalva da Silva (organizadoras). Ser criança: Repensando o lugar da criança na educação infantil. Campina Grande: EUDEPB, 2009.

SOUZA, José Mario Fialho e TAVARES, Fatima Maria de Melo. Estrutura e Funcionamento do Ensino Fundamental. Fortaleza, 2000.

PINHO, Sheila Zambello. Formação de educadores: O papel do educador e sua formação. São Paulo: Editora UNESP, 2009.